
Educomunicação em tempos de cultura digital: oportunidades e desafios¹

Helena CORAZZA²
Universidade de São Paulo (USP)
Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP)

RESUMO

A partir de pressupostos da Educomunicação, como empoderamento do sujeito, emancipação, diálogo, gestão participativa, este artigo pretende iniciar uma reflexão para verificar, o que está mudando com a cultura digital, uma vez que diversos autores veem um enfraquecimento desses valores, bem como a cidadania, com a influência racionalidade digital e Inteligência Artificial (IA), no contexto contemporâneo, ao mesmo tempo, oportunidades e desafios para serem trabalhados na área da Educação para a comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação; empoderamento; participação; cultura digital; pensamento crítico.

RESUMO DO ARTIGO

A proposta é começar uma reflexão sobre a Educomunicação em tempo de cultura digital e Inteligência Artificial (IA) uma vez que a construção do conceito apoia-se em alicerces teóricos e práticas da comunicação popular e alternativa, com vistas à emancipação do sujeito, à cidadania e sedimenta-se em princípios de uma sociedade em que os valores humanos e o relacionamento presencial, são identificados de uma sociedade pautada no pensamento analógico. Com a quarta revolução industrial (Schwab, 2019), as tecnologias avançam, as relações humanas e de trabalho são afetadas pela automação, hábitos de relacionamento e valores da convivência humana vão se modificando.

Nossa proposta é refletir como a comunicação, gestada e praticada numa sociedade analógica, que prioriza processos mais que resultados, interfere no relacionamento humano e, se consegue manter esses valores educacionais.

¹. Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

². Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Jornalista, licenciada em Letras. Docente e coordenadora do Curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura: teórico-prático do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP/SEPAC). Assessora e docente no Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC); pesquisadora do MECOM (Mediações Educomunicativas - ECA-USP). E-mail: helena.corazza@paulinas.com.br

Verificar também sinais de mudança e coexistência na cultura digital onde o ser humano e as relações sociais passam por tecnologias digitais.

Trata-se de uma reflexão inicial sobre as mudanças culturais, tecnológicas e sociais da cultura digital, no campo da Educação para a comunicação. Observa-se que estas mudanças incidem no sujeito interlocutor, no seu *ethos* e no modo de perceber e interpretar a realidade. Algumas perguntas emergem na reflexão: quais mudanças a cultura digital provoca no ser humano com sua racionalidade numérica? Quais os desafios para os processos de comunicação e de educação, mantendo a autonomia do sujeito, à cidadania, uma vez que os algoritmos são opacos ou, no dizer de Canclini, os cidadãos são substituídos por algoritmos?

Esta reflexão será pautada por alguns autores que estão refletindo criticamente as mudanças culturais e sociais na sociedade contemporânea.

CENÁRIO EM MUDANÇA NA ANÁLISE DE PENSADORES CRÍTICOS

Ao descrever o cenário atual no sentido das mudanças que afetam o ser humano e as organizações onde está inserido, está o filósofo sul coreano Hyung Chu Han (2010), que caracteriza a sociedade do século XXI como a “sociedade do cansaço”, caracterizada “pelo desaparecimento da *alteridade e da estranheza*” (Han, 2010, p. 10). É a sociedade do rendimento, de projetos, iniciativas, motivações, produtividade, diferente da sociedade disciplinar ou a sociedade de controle, defendida por Michel Foucault.

Han apresenta uma visão crítica das sociabilidades do século XXI, permitindo pensar as consequências culturais, existenciais e sociais da hiperatividade e hiper mobilidade, atuais na condição humana. O autor traz implicações das transformações culturais e comunicacionais de nosso tempo provocadas por essas hiperatividades e exigências de produtividade, em particular as novas configurações do trabalho, da atenção e da enfermidade mental, como depressão, síndrome de Bournout, resultado da violência neuronal. Han trata também do sujeito do desempenho, senhor e soberano de si mesmo, submisso a si mesmo. “O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração” (2010, p. 30).

Na obra “Infocracia” o filósofo sul coreano critica as mudanças no modo de pensar e se relacionar, substituídas por dados; “Dadaístas acham que não apenas a desintegração da esfera pública, mas também a massa pura de informações e a

complexidade rapidamente crescente da sociedade de informações tornam obsoleta a ideia de ação comunicativa” (Han, 2022, p. 63), o fim do espaço público teorizado por Habermas, a crise da narrativa uma vez que a socialização inclui o aprender a contar histórias, aprender a narrar (Han, 2023), devido às mudanças no repertório e na cognição influenciada pela cultura digital.

Por sua vez, o latino americano, Canclini continua o desenho do cenário dizendo que as redes prometem horizontalidade e participação, mas costumam gerar movimentos de alta intensidade e curta duração. Entretanto, observa que as opiniões e comportamentos são capturados por algoritmos que permanecem subordinados às corporações globalizadas. Dessa forma, “o espaço público torna-se opaco e distante. A descidadanização se radicaliza, enquanto alguns setores se reinventam e ganham batalhas parciais: pelos direitos humanos, pela igualdade de gênero, contra a destruição ecológica” (Canclini, 2019, p. 10)³.

Crary, por sua vez, fala do sufocamento da esperança, do cancelamento da possibilidade de restauração ou cura do mundo. Para ele, “essa destruição da crença na renovação é perpetuada mediante a captura e o desempoderamento dos jovens”. E recorda que “o assédio à juventude, que começa cada vez mais cedo, na infância, é uma continuação do contra-ataque neoconservador às rebeliões dos anos 1960 e à contracultura política daqueles anos como um todo” (Crary, 2023, p. 39).

A questão do sujeito também precisa ser problematizado num contexto das ecologias comunicativas (Di Felice, 2017) e de novos atores sociais, conforme Latour (2012).

Olhando para a questão organizacional Saad vê que o protagonismo da atividade comunicativa nas organizações tem se evidenciado proporcionalmente à intensidade da consolidação das tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs) na sociedade contemporânea. Toda evolução estará centrada na melhoria, na aceleração e alargamento dos modos de relacionamento e sociabilidade que praticamos. Para ela, o protagonismo impõe um desafio constante para acompanhar em incorporar as inovações e transformações do ambiente, estratégias e cultura organizacional (cf. 2016, p. 60).

Canclini questiona como as grandes corporações Google, Apple, Facebook e Amazon, estão reconfigurando o poder político-econômico, redefinindo o significado social como hábitos, sentido do trabalho e do consumo, comunicação e isolamento das

³. A tradução é nossa.

peças e é enfático ao dizer que estes não são apenas os maiores complexos empresariais e inovadores tecnológicos, eles também reconfiguram o significado da coexistência e interações. Para o pesquisador, “eles destroem o sentido de viver juntos, conforme entendia a modernidade liberal. Estamos agora para além da fragmentação multicultural que celebrou o pós-modernismo e a pluralidade de sentidos concebidos nas primeiras etapas da expansão da Internet e das redes sociodigitais” (Canclini, 2024, p. 15-16).

Neste contexto, quais as alternativas a serem trabalhadas nos princípios da Educomunicação como o processo participativo nas relações humanas e sociais, sejam elas presenciais ou mediadas por tecnologias, como a gestão participativa, a cidadania, o empoderamento, o incentivo a processos criativos de comunicação e intervenção social, a interface com as diferentes áreas do conhecimento?

DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EDUCOMUNICAÇÃO

Com leitura mais aprofundada dos diferentes autores e a partir de práticas e processos da Educomunicação pretende-se aprofundar e discutir estas mudanças culturais e sociais bem como a necessidade de contribuir para a formação do pensamento crítico, com abertura para a criatividade; o empoderamento do sujeito desde crianças, jovens e adultos, tendo em conta a ecologia da comunicação e os novos atores sociais; a construção de uma comunicação dialógica com o exercício da gestão participativa; trabalhar projetos que estimulem a criatividade e a intervenção social com práticas que possam agregar inovação e inserção na cultura digital.

REFERÊNCIAS

BORGES J. E. **Modo de existência do algoritmo**. Da verdade como imagem à imagem como verdade. São Paulo: Paulus, 2023.

CANCLINI, N. G. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos**. Guadalajara: CALL, Editorial UCR, 2019, 1ª. Ed. 177 p. Disponível em: http://www.calas.lat/sites/default/files/garcia_canclini.ciudadanos_reemplazados_por_algoritmo_s.pdf - acesso 4 Jun. 2024.

CITELLI, A. (Org.). **Educomunicação. Os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017. 182 p.

CORAZZA, H. “O ser humano educomunicativo: um estilo”. In: PUNTEL, Joana T. (Org.) **O humano na dinâmica da comunicação**. São Paulo: Paulinas/SEPAC, 2021.

_____. *Educomunicação. Formação pastoral na cultura digital*. São Paulo: Paulinas, 2016. 168 p.

CORTIZ, D. “Os impactos da inteligência artificial e dos sistemas de recomendação na comunicação em redes sociais”. In: PEREZ, C. *et alli* (Orgs.). **Comunicação na agenda do século XXI**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023, p. 107-122.

CRARY, J. **Terra arrasada além da era digital**, rumo a um mundo pós-capitalista. São Paulo: UBU Editora, 2023.

DI FELICE, M. **Net-ativismo**. Da ação social para o ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017. 288 p.

HAN, B-C. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023. 136 p.

_____. **Infocracia. Digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022, 112 p.

_____. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2010. 128 p.

KUNSCH, M. M. K. “Comunicação organizacional integrada na perspectiva estratégica”. In: Joana d’Arc Bicalho. (Org.). **Comunicação estratégica e integrada: a visão de renomados autores de 5 países**. 1ª. Ed. Brasília, DF: 2020, v. 1, p. 85-104.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Bauru: EDUSC/UFBA, 2012. 399 p.

SAAD CORRÊA, E. “A comunicação na sociedade digitalizada: desafios para as organizações contemporâneas”. In: KUNSCH, M. M. K. (org.). **Comunicação organizacional estratégica: aportes conceituais e aplicados**. São Paulo: Summus Editorial, 2016, p. 59-76.

SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2019.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a Reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011. 96 p.